

América Latina debate seu débito

A dívida externa da América Latina ultrapassa US\$ 300 bilhões, e esse deverá ser o principal tópico da I Conferência Latino-Americana, que começou ontem e vai até amanhã, em Quito, no Equador. Apesar das relações comerciais entre o Brasil e o Equador não estarem tranqüilas, fontes do Itamarati não acreditam que este assunto seja tratado no encontro pelo chanceler Saraiva Guerreiro, que chega hoje a Quito, já que a conferência tem o caráter multilateral, contando com a presença de representantes de 33 países.

As relações entre o Brasil e o Equador foram dificultadas em 1981, quando o nosso País cortou a importação de 10 mil barris diários de petróleo por não concordar com o preço estipulado pelo Equador. A partir de então, como represália, os equatorianos criaram dificuldades à exportação dos produtos manufaturados brasileiros.

Apesar da produção de petróleo equatoriano ser de apenas 240 mil barris/dia, essa é a maior fonte de divisa daquele país, que exporta 120 mil barris/dia. Com uma dívida externa de US\$ 6 milhões, o Equador, que também recorreu ao FMI, acabou de renegociar a sua dívida.

No dia 29 de janeiro estará sendo realizado o primeiro turno das elei-

ções presidenciais e da Câmara Legislativa daquele país. O segundo turno das eleições está previsto para maio, já que se acredita que nenhum dos candidatos atingirá a maioria absoluta, segundo fontes do Itamarati.

O Brasil foi o primeiro país visitado pelo presidente equatoriano, Osvaldo Hurtado, que assumiu a chefia do Governo em 1982, depois da morte de Jaime Roldos. O homem forte do Equador, José Maria Velascos, já morto, não teve substituto, tendo sido presidente por cinco vezes e deposto por um golpe militar em 1972, que entregou o poder aos civis em 1979.

Quito — A conferência Econômica Latino-Americana iniciou ontem seus trabalhos em Quito, à procura de uma plataforma comum para enfrentar a dívida externa de cerca de 350 milhões de dólares, convencida de que não tem condições para pagá-la, se os bancos internacionais mantiverem as atuais exigências.

“Está bem claro que, circunstâncias atuais, a América Latina não pode pagar sua dívida”, afirmou o venezuelano Sebastian Alegrett, secretário-geral do Sistema Econômico Latino-Americano (Sela), referindo-se à conferência, que reúne representantes de 30 países.

“A América Latina está colocando uma realidade e nós desejamos que o Banco Mundial e os organismos financeiros entendam que, de outra maneira, não haverá solução”, disse Alegrett.

Os países latino-americanos rejeitam a criação de um clube de devedores, “mas existe uma plataforma comum de princípios, condições muito mais claras para negociar o tema das dívidas”, disse ainda Alegrett.

Referindo-se as coincidências básicas sobre prazos, juros, sobretaxas das comissões, Alegrett qualificou como “uma virtual recolonização da América Latina” o interesse de alguns banqueiros em trocar as dívidas por ativos dos países latino-americanos.

Os países da América Latina também estão tentando “sensibilizar o mundo industrializado a respeito da gravidade da crise econômica, da necessidade que a América Latina tem de um adequado e oportuno apoio financeiro internacional, de que sejam contidas as políticas protecionistas”, disse o representante equatoriano. Segundo Pachano, os delegados procurarão abrir um “horizonte econômico muito mais estável” para a América Latina.